

# Stadium

## B. S. B.-Vasco da Gama

Azevedo está batido! O extremo esquerdo vascaíno, Chico, agíl, ginásta, faz passar a bola por cima do corpo do guarda-rede lisboeta.

COZZAVARI

...dele, a bola passou por cima do corpo do guarda-rede lisboeta. Chico, agíl, ginásta, fez passar a bola por cima do corpo do guarda-rede lisboeta. Chico, agíl, ginásta, fez passar a bola por cima do corpo do guarda-rede lisboeta.

...dele, a bola passou por cima do corpo do guarda-rede lisboeta. Chico, agíl, ginásta, fez passar a bola por cima do corpo do guarda-rede lisboeta. Chico, agíl, ginásta, fez passar a bola por cima do corpo do guarda-rede lisboeta.

...dele, a bola passou por cima do corpo do guarda-rede lisboeta. Chico, agíl, ginásta, fez passar a bola por cima do corpo do guarda-rede lisboeta. Chico, agíl, ginásta, fez passar a bola por cima do corpo do guarda-rede lisboeta.

...dele, a bola passou por cima do corpo do guarda-rede lisboeta. Chico, agíl, ginásta, fez passar a bola por cima do corpo do guarda-rede lisboeta. Chico, agíl, ginásta, fez passar a bola por cima do corpo do guarda-rede lisboeta.



# Os brasileiros venceram os portugueses

O futebol do Vasco da Gama interessa mais do que o resultado; é uma linguagem expressiva!

A «Seleção dos Três», manifestamente fatigada, impôs-se pelo seu ânimo e galhardia

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

Os brasileiros do Vasco da Gama, o famoso clube carioca de casta portuguesa, pela força das circunstâncias, contraíram grandes responsabilidades ao apresentarem-se em Portugal. Tínhamos sido visitados pelos mestres do Jogo, e a exibição dos argentinos e do seu poderoso futebol de dribblings, ainda estava viva na memória de todos os adeptos. Era difícil fazer melhor, não só como exibição, mas ainda no aspecto de resultados. Noutro ponto de vista, os portugueses, espicados pelo último revés, encontravam-se naturalmente em disposição de espírito de darem a medida máxima. Já se sabia que os nossos jogadores iriam para o campo em ranger de dentes, perseguindo inflexivelmente o adversário.

Assim aconteceu, na verdade. O grupo dos Três Grandes não se deixou surpreender, como se deu na tarde do S. Lourenço de Almagro, por exemplo, e desde o primeiro instante mostrou uma tenacidade de luta que pôs em transe, em alguns períodos, o melhor conjunto dos brasileiros, a sua perícia técnica e a sua intuição táctica.

Quer dizer, logicamente, os brasileiros do Vasco da Gama não puderam desenvolver livremente o seu futebol, e viram-se apoquentados golpe a golpe. Em futebol, já se sabe, tudo depende do comportamento do adversário, e de aí os riodejaneiros não terem brilhado com o fulgor que se esperava.

Mas não pode de modo algum julgar-se — dizemos com sinceridade — que estamos em presença de um *team* vulgar, um grupo de a b c. Pelo contrário, os nossos bons amigos, senhoris e desportivos, mostraram uma capacidade técnica e táctica que os coloca a par dos melhores grupos que nos têm visitado. Esta é que é a verdade, desapaixorada, e o resto parece-nos palavreado sem interesse. As ideias preconcebidas nada valem ante a realidade. E seja qual for a ideia que se faça do jogo, seja-se ou não pela táctica dos W. M. ou por outra qualquer, é evidente termos entre nós um quadro de perfeito conjunto e integrado por unidades, aptas, que sabem do seu ofício. Tomáramos nós dispor de jogadores tão completos no ponto de vista técnico. Isso não desacredita, de resto, o valor dos nossos representantes, que suprem, pelo ardor e energia, a chamada genica portuguesa, as visíveis deficiências de execução que se lhes notam. O futebol português, se ainda não se reabilitou totalmente, já deu um grande

passo nesse sentido. Não interessando o pensamento de aqueles que só desejam, através de tudo, ver as nossas seleções vencerem, não querendo ver o valor do adversário. Em competição, é justo que vença o melhor e a honra do país não pode ser afectada por uma derrota no campo do desporto. Caso contrário, acabariam as competições internacionais — o melhor meio dos países apertarem os laços de estima e respeito mútuo.

Pelo Vasco da Gama alinharam Barbosa, Augusto, Rafanelli, Ely, Danilo, Jorge, Djalma, Maneca, Friça, Lélé e Chico. Pelo Mistão dos Três Grandes, Azevedo, Vasco, Feliciano, Amaro, Moreira, Serafim, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano. Árbitro, o inglês Barrick, e juizes de linha os lisboetas Carlos Canuto e Abel Ferreira.

O primeiro trecho, de aproximadamente um quarto de hora, foi de estudo. Equilíbrio. Perguntas e respostas, com certo receio. Este período correspondeu aos primeiros assaltos num combate de boxe.

O primeiro guarda-redes a entrar em acção foi o brasileiro, mas cedo veio a primeira defesa de Azevedo, por sinal, extraordinária de golpe de vista e agilidade. Aos poucos, os vascainos assentaram o seu jogo, começando a surgir, com nitidez, os seus lances de ligação num poder de realização notável. Os portugueses, pelo seu lado, tentavam desenvolver as jogadas com velocidade, mas algumas unidades não se integravam nessa toada. E assim se perdiam oportunidades...

No período do fim da primeira parte, o encontro animou-se extraordinariamente. Ao 33.º minuto apareceu o primeiro ponto da tarde. Lélé abriu para a asa direita, Djalma seguiu atentamente o lance, e antecipando-se a todos os adversários, marcou a bola, desviando-a do alcance de Azevedo.

Pouco depois, num relâmpago, o grupo português fazia o seu melhor, desenvolvendo jogadas bem assinadas. Aos 35 minutos, Vasques serviu Jesus Correia, este Peyroteo, e o remate, de cabeça, partiu, sem remissão. A bola foi de poste a poste, lembrando-nos o golo sofrido em Colômbes.

Dois minutos depois, recolhendo uma passagem de Peyroteo, Jesus Correia despediu o pontapé mortal. Um minuto depois, Travassos, tendo descaído no seu jeito característico para o lado esquerdo, rematou com escassas probabilidades. O guarda-redes brasileiro, porém, com infelicida-

de, fez com que a bola fizesse tabela na sua mão e entrasse.

Os brasileiros não se desorientaram, e aqui está um título de boa classe. Calmamente, continuaram a desenvolver as suas combinações, e aos 43 minutos, de uma passagem longa de Djalma a Chico, resultou o segundo ponto a seu crédito.

O favor do vento mudou-se na segunda parte para os portugueses. Apesar disso, os vascainos conseguiram o chamado domínio territorial. Nós defendíamos, apesar de não despedirmos ocasiões de contra-ofensiva, e eles atacavam no intuito de anularem a diferença. No quarto de hora final, deu-se afinal o imprevisto. Um centro bem colocado de Djalma, passando a bola em frente das nossas redes sem que ninguém lhe tocasse, deu azo a que Chico, surgindo veloz, conseguisse o empate.

Depois da igualdade tiveram os portugueses várias oportunidades de se colocarem em situação de vencedores. Mas a boa actuação do guarda-redes do Vasco não o consentiu. Já o empate era dado como certo quando os brasileiros, no último minuto, arrancaram o triunfo. Punido Feliciano com um livre junto da grande área, os portugueses fizeram *barreira*. Lélé, como se tivesse uma pá na mão, mandou a bola por cima do obstáculo, e Azevedo, extático, consentiu que Djalma a enviasse para as redes, segundo a maior parte dos espectadores, com a mão, mas não podendo nós, em consciência, confirmar a falta.

Os portugueses reclamaram, o árbitro consultou o juiz de linha, e, contra os protestos, validou o tento.

Os jogadores brasileiros mostraram uma técnica superior à portuguesa.

Nos detalhes mais importantes em que se decompõe o jogo, parar, dominar e passar a bola, eles mostraram-se perfeitos, ensinando alguma coisa. E não nos fica mal reconhecer esta supremacia. Os riodejaneiros deram também uma sensação estranha no que diz respeito à velocidade: tão depressa rápidos na conquista da bola como lentos no executar dos golpes. A verdade é que, e mais uma vez isso foi confirmado, não deixa de ser muito difícil, ou impossível, fazer bem e depressa. Tudo exige o seu tempo. Também no jogo de cabeça, a vantagem carioca manifestou-se claramente. Homens como o nosso pundonoroso Feliciano, fortes nesse futebol, foram batidos numa



TRAVASSOS

percentagem de lances verdadeiramente alarmante.

Quanto a táctica, o modelo brasileiro é semelhante ao português, mas julgamos que mais aperfeiçoado. Em dois pontos devemos insistir: no poder de desmarcação, mais propriamente troca de lugares; e na maneira de agir das unidades da extrema defesa. Em certos períodos, os interiores trocaram as suas posições e várias outras unidades faziam o mesmo, tornando mais difícil a vigilância. Os que marcavam procuravam o homem a marcar, e não davam por ele. Como que se tinha sumido do terreno!

No capítulo da defesa, os *backs* só aliviavam o campo em casos de último recurso; em todas as outras hipóteses, de posse da bola, davam seguimento ao jogo de maneira a forjar-se a contra-ofensiva. Eis uma nota a destacar, pois está implantada nos grupos da nossa casa a ideia de que aos defesas apenas cumpre defender e afastar o perigo de qualquer forma e feitio. Evidentemente, se isto constitui defeito num *back*, que dizer de um médio que assim procede? Com tal mecânica e tão boas unidades, afigura-se-nos indiscutivelmente proveitosa esta visita do Vasco da Gama. Mais, julgamos de nosso dever insistir na aproximação do futebol sul-americano.

A equipa dos Três Grandes, designação nossa, que tende a generalizar-se, fez uma boa partida.

Manifestamente fatigados, e nem admira, dado estarmos no fecho da temporada e esta ter sido sobrecarregada, todos os rapazes fizeram o possível para se reabilitarem do desastre contra a Inglaterra, em tarde de má sorte, desorientação e desentendimento. O grupo, através de todas as fases, manteve a sua organização e estrutura, apertando as malhas na defesa e projectando ofensivas de bons triângulos e surpresa de passagens.

Azevedo iniciou a sua acção com uma defesa brilhante, mas depois decaiu, não mostrando a habitual segurança. Creemos tratar-se de uma crise passageira, mais de ordem moral do que técnica, certamente, de curta duração.

Vasco, já estreado contra a Inglaterra, comportou-se bem. Nos lances em liberdade mereceu nota elevada, mas naqueles em

# As vitórias expressivas

do Sporting, Elvas, F. C. P. e Famalicão notabilizaram a jornada

A última jornada do campeonato nacional não foi seguida: 3 jogos na quarta-feira, 1 jogo no sábado e outros 3 jogos no último domingo.

Foi preciso esperar pelo último dia, portanto, para acertar a classificação... Claro que os desportistas amadores da bola não ficaram suspensos dos resultados, porque o campeão está apurado e apenas se procura esclarecer a posição de alguns clubes em postos secundários.

Reúnem-se os resultados dos 3 dias:

Sporting....	5	—	Estoril.....	0
Académica..	3	—	Benfica.....	3
Belenenses..	1	—	Vitória G....	1
Atlético....	2	—	Olhanense..	2
Porto.....	5	—	Vitória S....	0
Elvas.....	8	—	Boavista....	1
Famalicão..	7	—	Sanjoanense	3

Algumas surpresas: — a expressiva derrota do Boavista, em Elvas, depois de haver derrotado por igual número os académicos; o empate destes, em Coimbra, após uma jornada péssima; a desforra do F. C. do Porto contra os setubalenses; e os magníficos resultados do Sporting e do Vitória de Guimarães.

Qualquer medida serve, nesta altura, para valorizar um campeonato que já não interessa «totalmente». Surpresa que apareça, tem de ser notada pela crítica e pelos amadores da bola. Já é um atractivo, sem dúvida...

## Belo desafio por influência do Sporting

O Sporting já se apresentou completo, se considerarmos Cardoso como ausente durante muito tempo. E porque o estado de espírito da equipa era bem outro em relação ao jogo contra o Benfica, pôde assistir-se a um desafio movimentado e, principalmente,

muito bem conduzido pelos vencedores.

Os estorilistas estavam, por sua vez, desfalcados de Bravo, Mota, Alberto e Vieira — um bom lote de jogadores. Lutavam por isso sem as possibilidades habituais, embora algumas vezes muito bem, na primeira parte.

O Sporting, naquela tarde de acerto individual e colectivo, talvez fosse capaz de obter o mesmo número de pontos em frente do Estoril completo. O seu ataque, especialmente Travassos, Vasques e Albano, jogou com alegria, embora por vezes distraído nos remates. Na meia defesa um homem dominou como quis homem após homem: Canário. Excelente forma a deste jogador! Barrosa teve também muita autoridade durante todo o jogo e Azevedo esteve dentro das possibilidades.

Os visitantes fizeram quanto podiam para evitar a derrota. A boa actuação dos *leões* não consentiu que tal sucedesse, mas ficou provada a sua categoria, a despeito de 5 0.

Os grupos:  
*Sporting* — Azevedo; Marques e Juvenal; Canário, Barrosa e Veríssimo; Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

*Estoril* — Sebastião; Pereira e Elói; Oliveira Vieira, Nunes e Fragateiro; Lourenço, Pisa, Lima, Oavaldo e Raul Silva.

## Mau jogo em Coimbra

Diz a crítica que o árbitro estragou o desafio entre académicos e benfiquistas. Sempre que o Ben-

fica se exhibe em Coimbra, aparecem dificuldades, e uma vez mais aconteceu assim. Empataram 3 3, resultado que não contribuirá para tirar os encarnados do segundo posto. Os estudantes principiaram o desafio desfavorecidos pelo árbitro. Este, ainda fazendo fé pelas afirmações gerais, acabou por beneficiar o grupo da casa. De tudo isto nasceu a actuação irregular dos grupos e por certo as queixas que ambos consideram justas.

Alinharam:  
*Académica* — Szabo; A. Maria e Brás; Branco, Mário Reis e Azevedo; Ataz, Pacheco Nobre, Garção, Leite e Bentes.

*Benfica* — Manuel Joaquim; Fernandes e Félix; Jacinto, Moreira e Francisco Ferreira; Amorim, Arsénio, Júlio, Baptista e Claro.

## Os vimaranenses lutaram ardorosamente na frente dos Belenenses

O grupo das Salésias, tendo Capela substituído por Sérgio 2.º, aliás um bom guarda-redes, não pôde vencer o Vitória de Guimarães, que continua a fazer bons resultados «fora de casa». O empate custou um ponto aos homens de camisola azul, ponto que corresponde à sua passagem para o 4.º posto, deixando a companhia do F. C. do Porto, por agora.

Os vimaranenses, embora felizes em certos lances, lutaram bem pelo resultado. Beneficiaram um tanto da inutilização de Rafael, salvo engano a braços com a fractura de um pé.

As equipas:  
*Belenenses* — Sérgio 2.º; Vasco e Feliciano; Serafim, Amaro e Gomes; Mário Coelho, Quaresma, Andrade, Palma Soeiro e Rafael.

*Vitória de Guimarães* — Machado; Garcia e Curado; José Maria, Ferreira e Teixeira; Alexandre, Rebelo, Tarujo, Alcino e Franklin.

## Dois grupos em má tarde: Atlético e Olhanense

O Olhanense principiou bem e acabou mal; ao Atlético sucedeu o contrário. Os Algarvios fizeram dois tentos nos 45 minutos iniciais; nos primeiros minutos da segunda parte os visitantes marcaram dois *goals* de rajada e o assunto ficou resolvido. Nem os alcantarenses nem os de Olhão tiveram depois talento para chegar a vencedores.

Os grupos:  
*Atlético* — Ernesto; Baptista e Castro; Morais, Armindo e José Lopes; Gomes, Gregório, Amaral, Guedes e Manuel da Costa.

*Olhanense* — Abraão; Nunes e Rodrigues; João Santos, Grazina e Ricardo; Moreira, Joaquim Paulo, Eminêncio, Salvador e Palmeiro.

## O avançado-centro do F. C. do Porto sabe marcar «goals»

Pode o jogador Boavista não ser famoso a «construir». Mas é oportuno, com certeza. Raro é o jogo que deixa passar em branco, e neste desafio contra o Vitória de Setúbal cometeu mesmo a proeza de fazer *sózinho* os 5 pontos da tarde. Os setubalenses perderam o concurso de Passos antes do intervalo, quando já perdiam por 4-0, remetendo-se depois a uma defesa cerrada.

A equipas:  
*F. C. do Porto* — Barrigana; Alfredo e Guihar; Joaquim, Romão e Carvalho; Lourenço, Araújo, Boavista, Freitas e Catolino.

*Vitória de Setúbal* — Baptista; Pereira e Figueiredo; Montês, Pina e Jacinto; Campos, Nunes, Viegas, Rendas e Passos.

## A desforra do Elvas

Os campeões de Portalegre conseguiram actuar com o melhor acerto ofensivo. Rematando sempre perigosamente a partir de 1-1 a que o Boavista conseguiu chegar na 1.ª parte, puderam submeter os segundos do Porto. A estes faltou garra. É uma equipa que se entusiasma quando as coisas saem bem. Se sucede o contrário...

Alinharam:  
*S. L. e Elvas* — Semedo; Neves e Oliveira; Santa, Rebelo e Martins; Morais, Massano, Patalino, Aleixo e Rosário.

*Boavista* — Carlos; Pereira e Raimundo; Garcia, Serafim e Ramos; Caiado 3.º, Luzia, Armando, Caiado 1.º e Barros.

## Dos últimos, um é melhor...

O Sanjoanense, como está eserito, não sairá do último lugar. No domingo todo o grupo se perturba na terra do adversário, que venceu como lhe apeteceu, embora abrisse também a sua baliza. Um é muito melhor, sem dúvida alguma, e tanto que ainda não está afastada a ideia de fugir o Famalicão do penúltimo posto.

As equipas:  
*Famalicão* — Sansão; Júlio Costa e Armando; Cerqueira, Szabo e Ferrão; Pires, Tellechea, Alvaro Pereira, Adelino e Sampaio.

*Sanjoanense* — Mota; Malhado e Costa Leite; Silva, Santa Clara e Baptista; David, Arlindo, Gonçalves, Azevedo e Alves.

## A classificação actual

1.º, Sporting, 41 pontos; 2.º, Benfica, 35; 3.º, F. C. do Porto, 30; 4.º, Belenenses, 29; 5.º, Estoril, 27; 6.º, Olhanense e Vitória de Guimarães, 22; 8.º, Atlético, 21; 9.º, Vitória de Setúbal, 20; 10.º, Elvas e Académica, 19; 12.º, Boavista, 17; 13.º, Famalicão, 15 e 14.º, Sanjoanense, 5 pontos.

que teve de lutar de perto vieram ao de cima, de modo patente, as suas dificuldades. Feliciano actuou com mais serenidade do que no último encontro internacional; todavia, não está no seu apogeu. Amaro foi o mais regular dos médios, procurando fazer o serviço, rasteiro, e nas melhores condições de captação. Moreira lutou com energia, sem nos dar a sua melhor medida. No entanto, também fez os possíveis para um bom serviço. Serafim, que cumpre à maravilha a sua função, atirou quase sempre pelo ar a bola, mais a aliviar do que a ligar jogo.

Jesus Correia transformou-se na vedeta. Rapidez, desmarcação, bom juízo do golpe, pontapé e remate, eis as qualidades de um homem que é hoje um grande jogador e que deveríamos ter, se fora possível, na punção das suas qualidades no Portugal-Inglaterra. Vasques, moroso, passou despercebido. Peyroteo tornou-se notado pela falta de domínio de bola e falta de ligeireza de remate em alturas em que, bem treinado, seriam ocasiões insusceptíveis de recurso. Travassos esteve a par do ponta direita, tornando-se senhor de todas as iniciativas, vendo os golpes sem largar a bola e executando devidamente.

Albano, pequeno e ousado, esteve pouco afoito, e apesar de vivo em vários lances, não deu a *medida* que se aguardava. No fundo, uns melhores outros piores, não houve um só que se retraiasse, e todos contribuíram para a reabilitação. Barrick, o árbitro inglês cheio de personalidade, *perdeu-se* um pouco na validação da bola da vitória, talvez por não conhecer, ainda, a fundo, o nosso temperamento. Várias das suas decisões ficam, todavia, com um padrão de arbitragem.

Amanhã, o Vasco defronta o Valência, o clube guiado pelo grande amigo dos portugueses, Luis Colina, bela alma, um dirigente que conhece todos os meandros da bola em Espanha. Com ele está Luis Passarin, que, após a experiência de seleccionador, optou pelo cargo de treinador. O Valência não deixará de adoptar na relva do Jamor o plano indicado pelas características dos brasileiros. Mas é nosso convencimento que o Vasco da Gama se afirmará mais nitidamente, à medida que for somando encontros. Os bons grupos, isto não significa invencibilidade, não temem o valor dos adversários por confiarem no seu próprio valor.

T. S.

# CINCO CALADOS

## num só clube!

É um caso curioso no nosso desporto e julgamos que inédito: cinco irmãos jogam futebol e no mesmo clube, o Boavista.

Fernando, António, José, Artur e Francisco Calado formam esse quinteto futebolístico, vencendo por maioria os nossos conhecidos irmãos Serpas.

Três deles alinham no primeiro team, o António a avançado centro, o Fernando a interior e o José a defesa.

Depois, um na «Reserva», o Francisco e o outro, o Artur, nos juniores.

Excepto o António e o José que principiaram no Farense e no Leça, os outros três irmãos iniciaram a sua vida desportiva no clube axadrezado.

Fernando Calado foi o que atingiu mais categoria sendo chamado à selecção nacional e depois alinhando no grupo B de Portugal que recentemente disputou em Bordeus o jogo com o mesmo team da França.

Numa das suas últimas vindas a Lisboa para disputarem um jogo do Nacional deparamos com o grupo do Boavista de volta de uma tabacaria da Baixa. Galho-feiros, os rapazes da equipa de «xadrez» receberam com agrado a oportunidade de um cliché. Mas, já antes, tínhamos encontrado os três irmãos e trocámos com o Fernando algumas palavras.

— Porque vieram os cinco manos para o futebol?

O Calado I parece nunca ter pensado bem neste pormenor e ficou-se uns momentos sem resposta. Depois diz-nos:

— O futebol, que absorve a maior parte dos que se interessam pelo desporto, despertou também em nós esse mesmo entusiasmo. Por acaso fomos cinco a gostarmos desta modalidade. Podíamos ter sido mais ou também menos...

— E praticam mais alguma modalidade?

— Eu também gosto do andebol e do óquei em campo, e o José joga andebol.

Fizemos uma pergunta indiscreta.

— Qual dos cinco é o mais habilidoso no jogo da bola?

Fernando Calado sorri e dá a sua opinião.

— Entre os três que estamos no primeiro team há duas diferenças de jogo. Os meus dois irmãos jogam mais em força; eu tenho mais predilecção pela jogada feita à base de subtilidade e fujo, sempre que posso, ao barulho.

E a propósito.

— Ultimamente têm-lhe apontado desinteresse pelo jogo?

— Nada disso. Todos temos os nossos períodos. Além disso senti-me adontado. Notei que perdia peso. Enfim não me sentia bem.

— Ficou satisfeito em ter jogado no grupo que foi jogar a Bordeus?

Fernando Calado aproveita esta



Estes 3 são os mais velhos e de 1.ª categoria: António, Fernando e José. Um deles, segundo parece, gosta de Lisboa e do Benfica...



Francisco e Artur são dos juniores. Também se diz que são habilidosos.

nossa pergunta para um desafo.

— Claro que sim. É sempre agradável a um desportista ser escolhido para representar o desporto do seu país no estrangeiro. Mas, se a deslocação a Bordeus me deu essa alegria também me deu desgosto. O meu brío desportivo foi injustamente atingido. Já lá vai algum tempo mas o facto de eu recordar esse jogo sob este aspecto representa que não esqueci ainda as referências imerecidas que me fizeram.

Esse jogo foi o cabo dos trabalhos. Jogámos toda a primeira parte sem apoio nenhum dos halves, que só apareceram na última meia hora do encontro. Depois a grande mercação que os franceses usavam destruiu todos os nossos sistemas de jogo. Quanto a mim senti-me do facto de insistirem em colocarem num posto que não é o meu preferido e no

qual eu sei que não dou o rendimento necessário. Se me tivessem mudado para interior, como eu não desejava, veriam que depressa me recomporia.

Mas, mesmo assim, não houve razão nenhuma para me atingir tanto abertamente.

Atalhamos.

— Isso já passou. A disposição actual?

— Eu não esmoreço. Continuo com vontade, dedicado ao futebol. Sinto-me bem se me chamarem para outra selecção.

— É verdade que vem jogar para Lisboa?

— É verdade sim, mas não com o carácter de transferência que julgam.

Em Agosto próximo virei para Lisboa como miliciano.

Ora é incomportável com essa minha situação continuar a jogar no Boavista, com a quase impossibilidade de me deslocar ao Norte para fazer os jogos normais ao meu clube. E, assim, enquanto estiver cá por Lisboa, jogarei por um dos clubes da capital. Depois regressarei ao Boavista.

— E que opinião tem do seu clube?

— Fizemos uma época sem sorte. Formámos um grupo razoável, tivemos exhibições de bom merecimento mas fomos sempre tocados pela infelicidade. Um arzinho só desse factor indispensável que se chama sorte tornava-lha dada uma classificação bem diferente.

— Espera ainda jogar com os seus quatro irmãos no grupo de honra?

— Talvez. Só faltam dois e o Francisco parece não ser desagastado de todo.

E com esta opinião dos manos mais novos, Calado I foi juntar-se aos restantes elementos do Boavista, ainda entretidos de volta de uma tabacaria da baixa...

Fernando S



A equipa do Boavista numa das suas visitas a Lisboa junta-se perto do Palladium. E, alguns, dirigem madrigais a uma gentil empregada da Tabacaria

# Vitória expressiva DO SPORTING



*Uma oportuna intervenção de Sebastião, apertado por Peyroteo*



*Azevedo, na sua exibição contra o Estoril, não deixou tocar as redes. Esteve seguro, como se vê*

## O BENFICA EMPATOU EM COIMBRA



*Boa defesa de Manuel Joaquim, apertado por Bentes. Felix e Jacinto seguem o trabalho do seu colega*



*Machado, o guarda-redes vimezanense, não conseguiu evitar que o Belenenses marquem. Nem êle nem Telxeira...*



## Nas Salésias e na Tapadinha

*Duas fases do jogo Atlético-Olharense ambos junto das balizas de Reis, que no domingo substituiu Correia*



*Vitor Baptista, saltando antes de Mário Reis, remata de cabeça.*



*José Maria, médio vimezanense, em luta com Andrade, procura impedir o avanço do lisboeta. E de facto assim sucedeu...*

# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

## FUTEBOL

### França, 2 — Suíça, 1

Esta vitória merecidíssima do onze francês, conquistada no terreno do adversário, define como são aleatórios os resultados do jogo da bola.

A Suíça foi dominada francamente e uma diferença mais expressiva seria de justiça.

Que pensar deste insucesso dos helvéticos em Lausana, vencedores da Inglaterra, que nos aniquilou por 10-0?

### Suécia, 2 — Noruega, 2

Este desafio realizou-se no Estádio Boeslet (Goteborg) e foi excelentemente disputado pelas duas equipas.

O resultado traduz o andamento da partida, em que houve equilíbrio.

### Resultados de Aqui e Além

O clube Wacker, de Viena de Austria, ganhou o campeonato nacional batendo o Wien Sport Clube por 4-0.

◆ Prossegue o torneio italiano de futebol. A cabeça da classificação segue Turim, com 56 pontos, e na peugada vão: Modena e Juventus, ambos com 49 pts, Milão, 45 pts, etc.

◆ Depois da 7.ª jornada do campeonato da U.R.S.S., durante o qual o Dinamo Tbilissi venceu o Dinamo de Minsk (6-0) e o Dinamo de Moscovo ganhou ao Zénite de Leninegrado (4-0), a classificação é a seguinte:

Dinamo de Moscovo, 12 pts.; Tbilissi, 10 pts.; Exército Vermelho, 9 pts.

◆ No Campeonato da Checoslováquia conserva-se à frente o Slavia, de Praga, com 38 pts. precedendo o famoso Sparta (35 pts.) e Kladno (30 pts.)

◆ O clube Peñarol, vencedor do Nacional de Montevideo (1-0), ganhou o campeonato uruguaio de futebol.

## AUTOMOBILISMO

### O Grande Prémio de Berna

Organizado pelo Automóvel Clube da Suíça, realizou-se em Berna o Grande Prémio Automóvel para viaturas, segundo a fórmula internacional, disputado em duas eliminatórias de 145 km. e num percurso final de 218.

A supremacia dos Alfa-Romeos foi nítida, sobre os Maseratti, Delage, etc.

A vitória individual coube ao «s» francês do volante, Jean-Pierre Wimille (Alfa) em 25 m. 53 s. (média horária 151,016 km.), seguido de Aquiles Varzi (Alfa) a 1 minuto de diferença, Trossi (Alfa) a 2 minutos, etc.

## ATLETISMO

### Um novo recorde checo-eslovaco

Em Praga, o atleta Zatopeck bateu o recorde dos 3.000 metros planos, no tempo de 8 m. 13,6 s., ou seja uma melhoria de 7,2 s. sobre o resultado anterior.

### Mac Donald Bailly distingue-se

O atleta negro Mc Donald Bailly, da Jamaica inglesa, durante o torneio da Polícia de Bradford, correu as 100 jardas em 9,2 s., numa eliminatória, tempo que bate o recorde nacional, mas que um forte vento favorável impede de homologar.

### Novo recorde europeu de peso

O atleta estónio Heino Lipp, que ainda há pouco atirara o peso de 7 k. 257 g. a 16,066, estabelecendo um novo recorde europeu, acaba de melhorar a citada proeza.

Em Moscovo, durante uma prova pública, fez 16,072, distância que será o novo máximo continental.

O recorde do Mundo está em 17,040.

### Leslie Steers reaparece em forma

O recordista mundial do salto em altura, Leslie Steers, norte-americano de raça branca, retomou a actividade atlética.

Na sua estreia, o formidável saltador transpôs 2 metros, afirmando assim que podem contar com ele.

## NOTA DA SEMANA

A famosa corrida hípica reservada a poldros de 3 anos, que anualmente se celebra em Inglaterra sob a designação de Derby d'Epsom, teve novo epílogo na semana finda.

Contra tudo quanto se previu, foi um cavalo estrangeiro, Pearl Diver (Pescador de Pérolas) que levou para a pátria francesa o prémio da vitória, conquistado amplamente por 4 comprimentos sobre Migoli, de Aga Khan, Sayajirao, do Marajá de Baroda e Tudor Minstrel, grande esperança dos ingleses, que o famoso joquei Gordon Richards conduziu como pôde.

A corrida disputou-se com encarniçamento sob um céu chuvoso e numa pista lamacenta.

Meio milhão de espectadores rodearam a cena e seguiram com febril entusiasmo o acontecimento.

Até dois terços do trajecto o cavalo favorito manteve-se em excelente posição, andando como uma lebre, mas no resto da corrida foi-se abaixo por completo. Viu-se, então, surgir da retaguarda Pearl Diver, e galgar a distância com uma autoridade e uma rapidez irresponsáveis.

Esta prova, que tem 167 anos de existência, disputa-se no percurso de milha e meia. O cavalo vitorioso agora gastou 2 minutos 38,4 segundos no trajecto até à meta.

E' caso para dizer que o hipismo francês está de parabéns, visto que, desde o princípio do ano, conseguiu ganhar as mais brilhantes provas hípicas de Inglaterra: o Oaks, a Coronation Cup e agora o Derby d'Epsom.

Como sucede noutros países, a crítica britânica ataca ferozmente os preparadores de cavalos, atribuindo-lhes e à deficiência de alimentação muitas culpabilidades nas derrotas.

Como se vê, lá como cá...

## BOXE

### Uma derrota de Teo Medina

Em Manchester, durante um sa-rau de pugilismo profissional, o inglês Peter Kane, veterano ex-campeão mundial dos «mfninos», bateu nitidamente Teo Medina, francês e campeão da Europa (levíssimo).

Na mesma sessão, o peso pesado escocês Ken Shaw derrotou por pontos o veteránissimo Jack London.

Na mesma sessão, o peso pesado escocês Ken Shaw derrotou por pontos o veteránissimo Jack London.

## CICLISMO

### O Campeonato de França

Realizou-se na pista do Parque dos Príncipes, em Paris, o campeonato nacional de velocidade para ciclistas profissionais.

Depois de terem derrotado os seus competidores nas provas eliminatórias ficaram, para o duelo final, os ciclistas Girardin (francês) e Senfftleben (suíço), cabendo a vitória, em duas mãos, ao último nomeado.

### A Volta de Itália

No fim da 16.ª etapa, entre Vittorio-Veneto e Pieve-di-Cadore, o grande ciclista Gino Bartali continua à frente da classificação com 92 horas, 42 minutos e 51 segundos.

Em seguida, classificaram-se Fausto Coppi, Bresci, Ronconi, Ortelli, Cecchi.



A corrida de cavalos «Derby d'Epsom, cuja fama ultrapassou fronteiras desde há muito, acaba de se efectuar mais outra vez. A fotografia supra mostra-nos o grupo de concorrentes no momento em que passavam pelo poste de milha (1.609 metros), antes de atacarem o famoso Tottenham Corner, sepultura de muitos ilustres

Outro dia, andámos com um bom amigo nosso, Guilherme Eizaguirre, o actual seleccionador espanhol — aquele que foi o «eter-no substituto» de Zamora! — mostrando-lhe coisas desportivas de Lisboa.

Depois do Estádio Nacional levámo-lo a ver a transformação operada no campo sportinguista do Sporting.

Chuvicava. A nossa frente, já no caminho de depois do portão, junto à entrada dos peões, parou um carro e de lá vimos sair, com dificuldade, apoiado a uma bengala, uma pessoa caminhando a custo.

Quando nos acercámos, vimos que a pessoa era o sr. dr. António Ribeiro Ferreira, presidente do Clube. Trocamos meia dúzia de palavras:

— Está doente?  
— Deixe-me lá! Com um reumático terrível, e há três dias de cama?

— E seiu, estando a chover?  
— Levante-me um pouco. E como já não vinha ver o campo há uns dias, esteve inquieto...

E lá se foi num aperto de mão, apoiado à sua bengala, vendo tudo, interessadamente, o sr. dr. António Ribeiro Ferreira.

## Campos espalhados pela Província

Sem dúvida, nota-se em toda a Província, de um modo geral, um grande esforço no sentido de conseguir instalações desportivas à altura das necessidades locais. De quando em vez, em sítio ignorado, por essas estradas foras, quem viaja de automóvel, tem agradáveis motivos de surpresa.

Há dias, ainda, quando percorriam a linda estrada marginal que liga Viena a Valença, no cruzamento de Paredes de Coura, vimos um campo de futebol em arranjo, e, atraídos pela curiosidade, visitámo-lo.

Marado em volta de boa pedra de Monção, amplo, largo, bem terraplenado, o campo estava quase concluído, e via-se haver na sua construção especiais cuidados.

Tratava-se, segundo nos bebemos, do novo campo do Torreense, o clube da pitoresca e risonha povoação de S. Pedro da Torre, que devia de ser inaugurado de aí a dias, contra Valença.

O terreno era um baldio da Junta, cedido por uma módica quantia anual — honra seja à sua compreensão! — e a iniciativa transformara-se em realidade devido à tenacidade de meia dúzia de pessoas. Progrediu-se na Província, no capítulo de instalações desportivas.

# No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

## CONTA-GOTAS

De quando em vez diz-se de certo elemento que já é um jogador velho. E, no entanto, esse homem vai para o campo e faz mais, pela sua experiência, qualidades, ou mesmo pela sua energia, do que muitos novos. No dizer acertado do treinador Szabo, que todo ele se revolta contra a classificação, não há jogadores velhos nem jogadores novos, mas simplesmente jogadores. E' o que eles fazem em campo que interessa.

Muito se disse e redisse, pelo porque de dizer, inventar, criticar e fazer correr o boato, a respeito do Portugal-Inglaterra, e de fantásticas cenas de indisciplina, pugilato, de descontentamentos sem fim e de inquietações sem conta. Afinal, serenados os animos, e diluída a tormenta da derrota (a grande e verdadeira tormenta), verifica-se e conclui-se, sem esforço, que a maior parte, se não todas, as notícias postas a correr, e que andavam de boca em boca, não tinham quaisquer fundamentos. Buscam-se meios ilícitos de justificar uma derrota ilícita. Um caso próprio do jogo. Embora raro e estranho.

Começam a dizer-se as coisas mais deliciosas no afã clubista de melhorar as fileiras do futebol. Fala-se em transferências, como caso arrumado, de ali para acolá, algumas delas, curiosas. Todas as épocas sucede o mesmo. Do fim de uma temporada até o período de começo da outra fervilham as notícias, fresquinhas, qual delas a mais sensacional, e, afinal, passado algum tempo, não se confirma nem se quer dez por cento do que circulava. As trulas continuam a viver nas mesmas águas, e só um ou outro peixe mais miúdo muda de poiso.

O nosso camarada Tavares da Silva foi also em Guimarães, onde se encontrava de passagem, de uma manifestação que profundamente lhe tocou o seu espírito sensível. Tendo ido ver o desajio Vitória-Atlético, aconteceu que, antes do começo, os jogadores de Guimarães alinharam na sua frente, e o capitão do grupo, adiantando-se, veio saudá-lo em nome de todos os seus camaradas. Todas as pessoas que desempenham qualquer cargo na bola têm momentos bons e maus. O momento de Guimarães para Tavares da Silva — sabemos-lo bem — contrabalançou alguns dissabores.

Pôr em movimento um campeonato nacional de futebol como aquele que a Federação Nacional para a Alegria no Trabalho organiza, época a época, desveladamente, não é cometimento de sômosos importância. Dada a massa heterogênea dos concorrentes, a diversidade de interesses a atender e a escassez dos meios práticos de realização, especialmente no que se refere a instalações, chegar ao fim, após uma prova certa, regular e normal, é já uma vitória. Esta é tanto maior quanto é certo que a entidade organizadora procura, através de todas as dificuldades, insilnar nos trabalhadores que praticam futebol os bons princípios de camaradagem. A fase final do Campeonato Corporativo disputa-se em Coimbra, meias-finais a 26 e final a 29 de Junho, entre os campeões das Zonas, terminando assim, com brilho, uma competição que durante cinco meses entreteve a massa trabalhadora, não só em Lisboa como em determinados pontos do país.

## Há resposta para tudo...

P. 491 — Não acha que se resumiu a uma tempestade num copo de água o que se disse e o que se passou sobre o Portugal-Inglaterra? (De Um alfacinha benfiquista).

P. 491 — De positivo ficou o resultado; e um castigo...

P. 492 — Fala-se em nova regulamentação dos campeonatos, e, por isso, não lhe parece que o Sanjoanense, que fez despesas e se tem esforçado, merecia ficar mais um ano na Primeira Divisão? (Um que vive em S. João, mas é imparcial).

P. 492 — A posição do último em competições como a deste Campeonato Nacional é sempre uma tragédia. São dignos da atenção, evidentemente, os interesses do clube que cita, mas a questão não pode deixar de ser vista em relação aos interesses dos outros e de todos os concorrentes.

P. 493 — E' a primeira vez que o Vasco da Gama vem a Portugal? (Um tripeirc)

R. 493 — Vem pela segunda vez.

P. 494 — Há algum jogador português no Vasco da Gama? (Um tripeiro).

R. 494 — Julgo não haver portugueses que joguem no grupo de honra do Vasco da Gama, embora este clube seja, por assim dizer, o clube português no Brasil. Podemos, mesmo, afirmar que não há nenhum jogador português em qualquer clube do Brasil, pelo menos, elemento de categoria. Rogério, quando no Botafogo, será o único.

P. 495 — Eu acho estúpido que se esteja a disputar um campeonato, sabendo-se já quem o vence. Não é da mesma opinião? (Um leão, de Braga).

R. 495 — Não temos a mesma opinião. Num torneio não se decide apenas quem é o n.º 1, mas outras questões que, nem por subsidiárias, deixam de interessar. De resto, o Campeonato tem uma mecânica, e há que cumpri-la e respeitá-la. O contrário seria lançar a desorientação nas Provas.

## Stadium

Desde o n.º 1, 2.ª Série, cada exemplar, 2\$50

## CORRE QUE...

Os clubes da Província aguardam ansiosamente a resolução final referente à organização das Provas.

♦♦ O Atlético está na disposição de pôr de lado determinados jogadores, e de reforçar as suas fileiras com novos elementos.

♦♦ Correia e Manuel da Costa vão-se embora; e que já estão no Atlético os jogadores Vidal e Caninhas, do Onze Unidos do Montijo.

♦♦ Também o Futebol Clube do Porto procura reforços, melhorando o grupo de honra. A Gastão, da «Cuf», suceder-se-ão outros elementos.

♦♦ O campo da Amorosa, de Guimarães, notável esforço do clube local e da gente da terra, deve ser transformado. Sê-lo-á brevemente, se algum auxílio vier de fora...

♦♦ Os jornais brasileiros mostram a sua surpresa pelo seguinte. E' que — dizem — já não são visitados pelo Misto B. S. B. Não haverá aqui uma lamentável confusão?

♦♦ Sobre a bola a utilizar no jogo com os brasileiros houve discordâncias, e o árbitro decidiu.

# O Vasco da Gama

## agradou na sua primeira exibição



Em cima pode ver-se uma boa jogada de Augusto, que interrompe na melhor altura uma avançada de Peyroteo

A seguir — outro remate do avançado-centro nacional, mas que não chega à rede brasileira. O conhecido leão estava bem guardado, nesta altura



Feliciano é um defensor categorizado. O avançado brasileiro desta vez não o conseguiu passar



Feliciano, sob os olhares de Moreira, defende a sua área. Friaça estava atento



Outra jogada de colaboração entre Moreira e Feliciano



O grupo B. S. B. (Benfica, Sporting, e Belenenses) que no domingo teve bom comportamento na frente do quadro brasileiro. Eis a sua composição: Azevedo, Serafim, Feliciano, Vasco, Moreira e Amaro; Albano, Travassos, Peyroteo, Vasques e Jesus Correia. Isto da direita para a esquerda



Os dois capitães, Amaro e Larbitório Barriek e os dois juizes de linha, após a de galhardetes



A excelente equipa do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, que venceu o primeiro jogo deste torneio promovido pelo «Seculo». Alinharam: Barbosa, Augusto, Jorge, Ely, Rafanelli, Danilo, Djaima, Maneca, Friaça, Lélé e Chico



# Lisboa bateu Barcelona por 2-1

## mas o encontro não deixou saudades

Sabíamos do valor do andebol catalão; sabíamos da rivalidade que mantém com o madrilenho e do empenho que animava os seus representantes para conseguirem, em Lisboa, um resultado que os cotesse, por confronto indirecto, em vantagem relativamente aos seus rivais castelhanos.

Por outro lado, conhecíamos o esquadro e a dedicação de Acácio Rosa na preparação da equipa lisboeta; tínhamos na memória, bem viva, aquela dominadora exibição dos nossos seleccionados em frente do grupo de Madrid. E, por estas razões, nos dirigimos para o mesmo campo das Salésias na confiada esperança de assistir a um belo encontro de andebol, a uma meritória afirmação da classe dos praticantes portugueses.

Como nós, todos os espectadores o pensavam; e por isso foi mais amarga a desilusão.

Os lisboetas ganharam, merecidamente, mas sem brilho. Apesar da evidente superioridade técnica dos catalães relativamente aos madrilenos de há dois anos, não hesitamos em afirmar que a equipa visitante teria saído do terreno com os mesmos oito

pontos em contrário se a selecção da capital houvesse dado rendimento condigno.

Aconteceu, porém, que falhou rotundamente no ataque, por inferiorização de alguns elementos, por incompreensível presença de outros e, ainda, porque quase todos os jogadores estranharam a relva demasiado crescida e dificultando, por isso, os «driblings» com batimento da bola. Não nos repugna afirmar que as equipas do Sporting ou do Belenenses, completos, alcançariam melhor resultado do que aquele misto sem mordente que vimos nas Salésias.

No respeitante ao sector defensivo, não há motivo para reparos; todos campiramos. Délio sofreu um ponto porque quis fazer um bonito, mas salvou algumas situações críticas, pelo que devemos desculpar-lhe o erro.

Os três defesas, — visto a equipa ter adoptado o mesmo sistema em moda no futebol — Natividade, Mira e Jalme Silva, desempenharam cabalmente a sua missão.

O mal começou na linha média, onde Trindade não conseguia afirmar personalidade no centro do terreno — falta de an-

tecipação que compensasse a sua inferioridade de estatura e falta de corrida para recuperar terreno quando era batido, o que sucedea com frequência — e agravou-se na linha avançada, onde apenas Domingues e Ceia mereceram o lugar, embora, contagiados, jogassem menos do que podiam.

A equipa carbarou muito bem de início, durante dez minutos, mas a incapacidade realizadora dos avançados, com evidência de Parada e Matos Moara, que nunca conseguiram uma jogada acertada, destrala-lhe o ritmo e desperta o sentido de personalismo de alguns componentes. As substituições daqueles dois elementos impunham-se desde os primeiros minutos; parecemos até que elas nunca deveriam ter sido precisas.

Domingos Vicente foi a sombra do prodigioso jogador que assombrara os madrilenos. Forma física deficiente e domínio da bola, que já não era o seu forte, completamente perdido. Na asa direita, Luís Neves não brilhou, mas deu seguimento às fases em que colaborou.

Temos pelo critério e probidade de Acácio Rosa a maior consideração, mas reconhece-

mos que desta vez, sem a costurada e desejável liberdade de acção, errou. Sucede a qualquer.

Tínhamos gostado de ver a equipa com Nunes a médio-centro, Pimenta e Nascimento na linha avançada, com Ceia, Domingues e Vicente, este porque Marreiros está impossibilitado, pois, pela forma como jogou, não merece a selecção.

O grupo barcelonês foi, tènicamente, melhor do que o de Lisboa; passes longos e em profundidade; bola recebida, bola passada e constante sentido de desmarcação antecipada. Falta-lhe o remate e deve-o a solidiez e oportunidade intervencionista da nossa defesa.

O guarda-redes e o médio centro foram os dois elementos em destaque; o primeiro foi, mesmo, o melhor homem em campo.

O público não gostou do comportamento de alguns espanhóis e nós também não. Reflexos extemporâneos, disciplina pouco afirmada.

Lembrou-se com saudade o grupo madrilenho, que soubera perder com tão nobre desportivismo, com impecável apramo, sem um gesto de enfado ou de enervamento. Estes catalães não lhes seguiram o exemplo e deles se pode dizer que, se eram todos bons jogadores, nem todos foram bons desportistas.

A arbitragem de Megalhães foi sempre acertada, embora benévola para os visitantes. Teve razão, agindo assim; eitou que o encontro tomasse feição desagradável em competição internacional.

José de Eça

Não é muito animador, neste momento, o panorama do ciclismo nacional.

Ao entusiasmo e interesse provocados pelas provas do começo da época, sucedeu-se um período de inactividade, que só pode ser prejudicial ao ciclismo.

A Associação do Sul, por motivos que não foram explicados, deixou de realizar a «Volta a Lisboa», marcada para 25 de Maio, e não promoveu também os campeonatos de velocidade, que tinham reservada a data de 1 de Junho. Mas esta falta compreende-se, uma vez que, presentemente, não há uma única pista em Lisboa. Claro que, não se tendo celebrado os regionais, igualmente não puderam realizar-se, no penúltimo domingo, os nacionais...

Há algumas corridas anunciadas. Mas para tarde. Até lá, continuaremos sem ver os independentes em actividade e temos de nos contentar — com os iniciados e os amadores...

Os independentes, depois de um mês de interregno, têm finalmente uma prova: o 4.º Circuito de Torres Vedras, integrado no 3.º aniversário do Torreense.

Depois — eis a incógnita...

A F. P. C. projecta, para 28 e 29, uma grande corrida em duas etapas: Lisboa-Figueira da Foz e Figueira da Foz-Lisboa. Espera o concurso de vários organismos e entidades. Mas já se sabe que na Figueira é difícil encontrar apoio de momento. E se a Federação voltasse a pensar em Coimbra —

## O panorama actual do ciclismo em Portugal e no estrangeiro

como era sua primeira intenção? Talvez valha a pena tentar. Há ainda outros recursos: Leiria e porque não Pombal?

A Associação do Norte está interessada no caso. E embora as primeiras diligências junto das autoridades portuguesas não fossem muito animadoras, o interesse dos dirigentes nortenhos, comprovado por várias vezes, pode fazer milagres... Oxalá que sim...

Para fazer face aos encargos, a F. P. C. e a A. C. N. projectavam um festival de pista, no dia 22 — no Porto, claro, onde o público corresponde. Mas não pode ser utilizado esse dia, de há muito reservado para o «Circuito de Torres Vedras». Surge a ideia de uma organização nocturna. Parece-nos ideia feliz.

O Porto-Lisboa continua com data fixada. A F. P. C. espera integrá-lo nas Festas da Cidade.

Entretanto, os novos dirigentes daquele organismo já devem ter verificado que nem tudo são «rosas». E que nem sempre todos os projectos são realizáveis. O tempo — eis, eternamente, o grande mestre...

Lá mais para diante teremos o «Circuito do Ribatejo», a «Volta

dos Campeões» — parabéns a Arnaldo Sobral — e a «Rampa do Vale de Santo António». Só? Resta a dúvida da «Volta a Portugal». Não queremos antecipar...

De Madrid surge uma ideia: O Lisboa-Madrid este ano, para o ano o Madrid-Lisboa e assim sucessivamente. Irreal zavel? Talvez não. Requer trabalho. Mas os dirigentes da F. P. C., podemos afirmar, não temem trabalhar. Interesse não lhes falta. Falta-lhes meios. E' tudo — e é muito...

Espera-se boa época de pista. O Sporting inugará a sua pista brevemente. O Benfica mostra-se interessado pela continuação de uma pista de madeira. Ótimo! Venham as duas — que não são demais.

Como se vê, há pouco de positivo neste desfiar de coisas.

Entretanto, no estrangeiro, as provas sucedem-se. Voltou-se já ao ritmo de antes da guerra.

O belga Van Dyck venceu a «Volta a Espanha»; Matias Clemens segue à frente na «Volta ao Luxemburgo»; Gino Bartali é o «leader» da «Volta à Itália», com o atractivo do duelo Bartali-Coppi.

A «Volta à França» será um facto. Quando parecia condenada, surgiram dois jornais a assumir

os encargos financeiros da organização do Parque dos Príncipes: «Parisien Libéré» e «L'Equipe». Lá fora, as grandes provas são, regra geral, promovidas por jornais.

Um jornal realizou o 47.º Bordéus-Paris. O belga Jef Somers, dez anos d-pois de ter ganho esta famosa corrida, voltou a triunfar. No campo internacional, de resto, a supremacia dos belgas é evidente.

A U. V. F. prepara os campeonatos do Mundo — a que Portugal não concorrerá. Já se inscreveu a Polónia.

Os dias 26, 27, 28 e 30 de Julho são reservados às provas de pista, no Parque dos Príncipes, em Paris. No dia 3 de Agosto, em Reims, disputar-se-ão os campeonatos de fundo, em estrada.

Eis o panorama actual do ciclismo — cá e lá.

Cá — muita vontade, muitos projectos, muitas esperanças, muita coisa vaga. Lá — coisas certas, positivas, reais.

A diferença reflecte, afinal, as condições em que vive o ciclismo em Portugal e no estrangeiro.

Manuel Mota

## Arte Desportiva

O desporto é, modernamente, um dos grandes inspiradores da arte. Na beleza estética dos seus gestos e atitudes, na harmonia ou no vigor das suas acções, encontram os artistas bastos motivos de inspiração, procurando fixar momentos fugitivos mas impressionantes, captar na imobilidade das suas obras o dinamismo das lutas desportivas.

Compreende-se assim perfeitamente a iniciativa do Ginásio Clube Português, promovendo uma exposição de arte do desporto, e seria de presumir numerosa afluência de pintores, desenhadores e escultores, que trouxessem a tão interessante e interessante uma parcela de graça impressiva.

A realidade, porém, ficou muito longe das presunções; a exposição inaugurou-se há dias e reuniu apenas 23 trabalhos de dez artistas, compreendendo desenhos, aguarelas, óleos e uma única escultura.

O resultado não pode ser motivo para desânimo, antes, ao invés, deverá estimular à persistência para atrair mais adeptos. Os artistas portugueses, afinal, e apesar do que muitos dizem, ainda não descobriram o desporto; pois irá o desporto ao seu encontro, convidando-os a interpretar-lhe os mil aspectos da sua actividade.

No catálogo deste ano figura bom e mau; não sejam muito exigentes, limitando-nos apenas a esclarecer os autores interessados, dizendo que o futebol se joga com bolas sem salto e que a mulher no desporto nunca é pesada matrona, mas sim esbelta e juvenil, elegante de linhas e perfeita de formas.

## Campeonatos do Mundo

Depois do oquei em patins, a esgrima. Duas organizações da máxima importância trouxeram ao nosso país glória e prestígio, embora de categoria diversa.

Tivemos, no primeiro campeonato, o júbilo de conquistar o mais brilhante triunfo que se arquivou no historial do desporto português; no segundo, os esgrimistas nacionais foram vencidos por adversários melhor apetrechados e a realidade desiludiu, até, algumas vagas esperanças que ainda se conservavam, mais por tradição do que baseadas em argumentos praticamente concretos.

Mas obtivemos, em ambos estes torneios mundiais, a mesma consagração de organizadores perfeitos, só possível em conse-

quência da disciplina e método que reina na nossa hierarquia desportiva, da perfeita colaboração entre os organismos particulares e as instâncias oficiais, que auxiliam — mercê deste entendimento — iniciativas que só assim se tornam possíveis.

Um outro elemento de êxito deve ser posto em realce: o Pavilhão dos Desportos, que mereceu aos nossos ilustres visitantes de todas as nações os mais rasgados elogios; o presidente da Federação Internacional de Esgrima, Paulo Auspach, declarou, por exemplo, que os portugueses haviam organizado um campeonato impecável, em ambiente melhor do que os precedentes.

Podemos agora alimentar todas as ambições de trazer para a nossa capital as provas de maior vulto internacional em desportos de interior; vai seguir-se o basquete, teremos depois saraus de ginástica, voleibol, ténis, e lá mais para o Inverno, atletismo de sala.

Chamava-se ao Estádio do Jamar a sala de visitas do desporto português; pois enriqueceu-se muito, ainda, o desporto lusitano, pois passou a dispor de dois salões para receber os seus visitantes; ao ar livre ou em recinto fechado, conforme suas conveniências.

## O problema olímpico

Portugal transmitiu aos organizadores de Londres a sua adesão ao participar nos jogos Olímpicos do ano próximo; supomos que esta decisão tenha sido transmitida pelo Comité Olímpico Português, como de direito, mas ignoramos, como todo o meio desportivo, quais as bases em que ela se firma e qual o plano estabelecido para orientar, seleccionar e intensificar a preparação olímpica.

Quais os desportos escolhidos? Que recursos se lhes oferecem, o que se lhes exige? Qual a orientação dada pelo organismo superior do nosso desporto?

Já não é cedo para se encarar com firmeza a fórmula solucionatória do problema olímpico nacional. De todas as modalidades incluídas no clameiro de Londres, apenas na vela e no hipismo demonstramos de momento classe que imponha a presença dos nossos representantes; mas em muitos outros e por motivos vários, se afigura aconselhável ou possível a participação portuguesa: atletismo e natação, esgrima e tiro, basquetebol, por exemplo.

Fujamos, porém, à perigosa improvisação; é velho dizer-se que uma representação olímpica se prepara desde os jogos precedentes e nós estamos quase à beira dos próximos sem o mínimo cuidado especialmente consagrado à preparação dos nossos desportistas.

# BASQUETEBOL

## Torneio ibérico

Principiou ante-onhem e termina esta noite o 1.º Torneio Ibérico que, como se sabe, engloba as quatro melhores equipas de Portugal e de Espanha.

Por dificuldades de ordem técnica, não podemos inserir, neste número, quaisquer dados referentes à importante competição. No entanto, procuraremos na próxima semana, remediar esse falta, publicando uma desenvolvida reportagem do acontecimento, acompanhada dos mais legantes instantâneos, cblidos pelos nossos fotógrafos, no decorrer dos vários jogos.

Como de costume, contamos com a compreensão e boa vontade dos amigos e leitores da nossa Revista, para este falta de que, aliás, não somos culpados.

## Taça de Honra

Esta prova, interrompida durante o período de preparação e realização do «Torneio Ibérico», continua, em data a fixar, com os jogos Benfica-Atlético e Vasco da Gama-Oliveis.

O primeiro destes encontros terá lugar, como é óbvio, em Lisboa, enquanto que o outro será disputado, no Porto ou em Coimbra, conforme a sorte o decidir no sorteio e que a Federação vai proceder.

Ambos os jogos estão desperdando grande entusiasmo e não se torna fácil indicar, entrecapadamente, os seus vencedores, conquanto o Benfica e o Vasco da Gama reúnem maior número de possibilidades. O Atlético, com um bom final

de época, e o Oliveis, possuidor de um «cinco» de respeitável valor, podem deitar por terra as legítimas aspirações dos seus adversários.

E' de esperar, portanto, um renhido despique entre as quatro excelentes equipas, todas elas desejosas de provar os seus méritos, no último campeonato oficial de temporada.

## Campeonato Nacional de Juniores

Os campeões regionais de Lisboa, Porto, Coimbra e Aveiro estão, segundo cremos, já apurados. No entanto, e até este momento, a Federação ainda não marcou datas para a prova máxima de categoria, o que pode levar à conclusão, certamente errada, de que o interessante campeonato não terá realidade, no presente época. Por isso, seria, talvez, oportuno que o organismo competente se pronunciasse sobre o assunto.

## A final do Nacional (II Divisão)

No Porto (Parque das Camélias) disputou-se, domingo passado, a final deste campeonato, entre o Clube Fluvial Portuense e o Grupo Desportivo da C. U. F.

A vitória pertenceu ao «cinco» noroeste, por 33 27, depois de um jogo que foi correcto, entusiástico e emocionante. Os lisboetas ceceiraram a derrota sem azedume e, no final, foram aplaudidos pelo numerosa assistência.

Os «fluvialistas» ganharam com inteiro mérito o seu primeiro título nacional.

Monteiro Poças

# VOLEIBOL

## Estão apurados os campeões de Lisboa

O campeonato de Lisboa de voleibol, que este ano subiu de interesse pela valorização mais equilibrada das equipas principais, está praticamente decidido, embora falte jogar alguns encontros de importância secundária.

O Técnico na Divisão de Honra, o Estoril na Primeira Divisão e o Internacional nos juniores têm desde já assegurada a posse dos títulos respectivos. Além do primeiro indicado, o Sporting, Ate-neu e Benfica, que se classificaram por esta ordem na divisão principal, ficaram com a entrada assegurada no campeonato nacional, que este ano se vai disputar pela primeira vez, parece que em Outubro, não sabemos por que estranha fantasia.

A alegação presumível de que a época de Junho-Julho não é propícia à maioria dos praticantes, os quais, sendo estudantes, se encontram em período de exames, não pode ser levada em consideração. As provas da mesma temporada, naturalmente encaçadas, devem seguir-se sem longos intervalos que modifiquem por completo as condições de forma das equipas concorrentes.

Quem garante que os melhores grupos de agora se encontrarão,

em Outubro, nas condições de cumprir a sua missão? E se houver equipas com a possibilidade de prosseguir normalmente na sua actividade, com quais fundamentos se lhes poderá cecear tão legítimo direito?

O lógico, em matéria de organização desportiva, é estabelecer um calendário ao qual se submetem os praticantes e nunca subordinar o calendário às conveniências — embora ponderáveis — de alguns praticantes.

Esperamos que este adiamento do Nacional não passe de boato ou, se o não for, que a Federação reconsidere e prossigamos na nossa breve apreciação dos torneios lisboenses.

Nas categorias inferiores temos certa vitória da 2.ª categoria do Técnico e a necessidade de desempate entre as 3.ªs categorias deste mesmo clube e do Sporting.

Na 1.ª Divisão, o Internacional apossou-se dos dois títulos.

Para a próxima época o Estoril virá a ocupar na Divisão de Honra o posto que o Oriental abandona por haver sido o último classificado; finalmente, entre o quarto e o oitavo, classificaram-se Belenenses, Lisboa Ginásio e Olímpico.

José de Eça

assinem a STADIUM

Stadium

# Lisboa venceu Barcelona em Andebol



Domingos Vicente, a despeito da sua classe, vê a sua acção interrompida por um defesa adversário.



Lisboa e Barcelona jogaram uma animada partida de andebol. As duas equipas, árbitro e juizes de linha, antes do encontro.



O sr. Coronel De Martino recebe a Taça de Campeão de Sabre.

## NO RESCALDO DO CAMPEONATO MUNDIAL DE ESGRIMA

De uma maneira geral os Campeonatos do Mundo de Esgrima decorreram em beleza — o valor desportivo aliado a uma boa organização, formando-se assim um conjunto que marca uma jornada de inegável valor neste período de actividades desportivas a que estamos assistindo no nosso país.

O ambiente no Pavilhão dos Desportos foi agradável. Nada de multidões. Gente que mais ou menos sabe ver ou aprecia o nobre desporto das armas.

Acerca de esgrimistas em destaque, muitos. Boas personalidades em desporto, temperamentos bem formados para aguentarem provas que requerem presença de espirito e tranquilidade de nervos. Todos com larga soma de magníficos predicados técnicos.

Tres factos especiais: a categoria dos esgrimistas franceses, boa técnica, admirável espirito desportivo; a maravilhosa personalidade do jovem D'Orliola — que estupendo esgrimista deve ali estar no futuro! — e a pouca serenidade por vezes demonstrada pelos esgrimistas italianos, que de facto são muito bons, mas exagerando a sua discordância em algumas resoluções do juri.

Sabia-se de antemão que os esgrimistas portugueses não podiam aspirar a grandes resultados na esgrima do florete e ao sabre, mas na prova de espada aguardava-se com curiosidade e certo à vontade o nosso comportamento. Se nas duas modalidades —

florete e sabre — não dispomos ainda de elementos à altura de se baterem com esgrimistas estrangeiros — sobretudo com seleccionados para um campeonato do Mundo — em espada alimentavamos algumas esperanças, lembrando-nos de que entre os nossos representantes estavam Henrique da Silveira, Jorge Oom, Rui Mayer, rodeando outros, os novos da esgrima portuguesa, cujos merecimentos são aceitáveis, permitindo que os encarecemos com algumas possibilidades. Afinal não conseguimos passar dos eliminatórios por equipa e dos mecos finais na prova individual.

No entanto, apesar da classificação obtida pode-se ajuizar do valor dos nossos esgrimistas.

O seu comportamento deixou prever que trabalhando e procurando o tão necessário contacto com os melhores internacionais poderemos voltar a disfrutar posição de relevo em torneios estrangeiros. Ao sabre igualmente os



A Taça de Prata para a nação que mais campeonatos ganhou é recebida pelo sr. Bontemps, presidente da F. F. Esgrima.



Uma avançada lisboeta conduzida por Nunes. Um espanhol parece reclamar qualquer coisa...

novos representantes não puderam competir com os nossos fortes adversários. Mas, ficam os ensinamentos, que vastos devem ter sido para os observadores técnicos que com essa missão especial dia a dia seguiram as várias «poules».

Os esgrimistas franceses foram os grandes vencedores deste Campeonato. Em espada voltaram a afirmar o seu valor. Artigas, o vencedor individual nessa arma, deu à França a quarta vitória nos Campeonatos.

No entanto os italianos opuzeram-se-lhe muito bem e com inegável merecimento. Belos valores — de um lado e outro. E os atradores italianos puderam demonstrar na prova de sabre a justa medida do seu valor.

As suas vitórias, por equipas e individualmente, constituíram um prémio às suas qualidades de esgrimistas. Foram de facto duas vitórias brilhantes coroando exhibições de superior nível técnico.

No quadro de honra destes Campeonatos do Mundo de Esgrima ficaram inscritos os melhores valores internacionais. Duas nações, a França e a Itália.



Ellen Preis, recebendo a Taça de Campeão do Mundo.

**FLORETE** (por equipas): França. Individual: Chistian D'Orliola (frances).

**ESPADE** (por equipas): França. Individual: Edonardo Artigas (frances).

**SABRE** (por equipas): Itália. Individual: Montano (italiano).

Os Campeonatos femininos.

**FLORETE** (por equipas): Dinamarca. Individual: Ellen Preis (Austria).

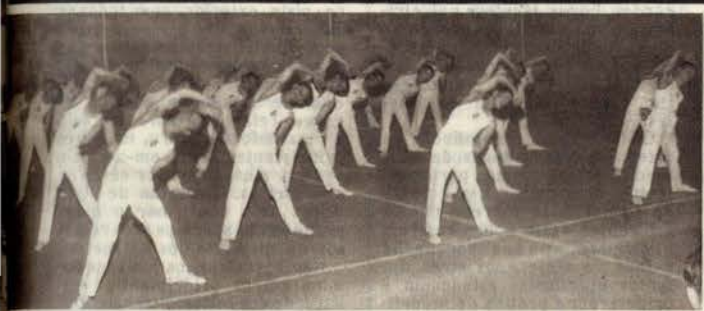
Ao fim e ao cabo as armas cruzaram-se no Pavilhão dos Desportos com grande dignidade e espírito desportivo, honrando mais uma vez tão nobre desporto.



A equipa do Futebol Benfica, que triunfou no campeonato regional deste ano de oquei em campo

### O FUTEBOL BENFICA CAMPEÃO DE LISBOA DE ÓQUEI EM CAMPO

O conjunto do Sport Lisboa e Benfica foi bom adversário no oquei em campo



### Actividades da F. N. A. T.

O grupo de senhoras que na festa da F. N. A. T. jogaram uma animada partida de voleibol, à direita; à esquerda, uma exibição da equipa de ginástica do mesmo organismo: a seguir, uma fase do jogo de basquetebol do Grémio de Torres Vedras e da Vacuum, que o último ganhou

### Campeonatos de Atletismo



### Campeonatos de Remo



Disputaram-se os campeonatos regionais de atletismo, em Lisboa, júniores, no Estádio Nacional. Na primeira fase assisteu-se à chegada dos 150 metros que Mire Gomes ganhou. Na



Disputaram-se os campeonatos regionais de remo, velocidade. Foram animadas as provas. O «4» do Grupo Desportivo Ferroviários do Barreiro ganhou. Publicamos a sua equipa em 1.º lugar. No fundo, a equipa da C. P., que triunfou em séntores



gravura seguinte, um aspecto da prova de 1.000 metros; no fundo, a passagem de 4 concorrentes nos 88 metros barreiras

# QUALQUER GRANDE EQUIPA

pode perder expressivamente com os britânicos

LONDRES, Junho de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

A imprensa inglesa não deu largas a comentários ao jogo Portugal-Inglaterra. Os ases do futebol britânico, por sua vez, regressaram a Londres o mais silenciosamente possível. Tudo se passa, afinal, como é costume entre britânicos que praticam desporto. A derrota ou a vitória perturba-os apenas na hora própria. Depois — o esquecimento.

Ora os ingleses discutiram pouco: nem a derrota da Suíça nem a estrondosa vitória de Portugal. Confessaram-nos alguns britânicos amigos do futebol que não esperavam uma e outra, isto é: — perder na Suíça e ganhar por tão elevado número no Val do Jamor, de mais a mais depois do jogo de Dublin.

— «Acontecem destas coisas aos melhores grupos. Poderia ter acontecido à França recentemente. Poderia ter sucedido ao grupo do Continente quando os homens da Grã-Bretanha chegaram a 6-0».

Esta opinião, colhida após a notícia da nossa derrota, é, de facto, inteligente, embora seja de considerar também, de maneira a não esquecer, que os ingleses em dia de acerto e de jogo alegre são terríveis.

Por certo aconteceu assim no Estádio Nacional. A própria marcação de 4 goals relâmpago nas redes de Azevedo colocou o conjunto de Lawton na melhor disposição, e como tudo deve ter decorrido à medida dos seus desejos — não foi difícil chegar a resultado vólamoso. Tínhamos dito, em anteriores crónicas, que os ingleses dominaram de novo no futebol e que todos os bons resultados da equipa nacional portuguesa poderiam sofrer rude assalto. Mas também poderia dar-se o contrário, se a felicidade padesse acompanhar o nosso grupo. Sem felicidade poderia surgir um desastre. Aconteceu o pior, finalmente.

Também informamos que Lawton costuma jogar sempre «à sua maneira». É sempre Lawton, inconfundível, brilhante em todos os pormenores e principalmente quando aplica a sua cabeça famosa. Não se pode deixar Lawton um só momento. Nem mesmo

## Almanaque dos Desportos

Este sensacional trabalho não pode ser apresentado em público com a brevidade que se esperava. Por isso mesmo, estuda-se a possibilidade de fechar o «Almanaque» de época a época e não de ano a ano, modalidade que servirá admiravelmente os desportistas. O que pode e deve é afirmar-se que a obra agradará em absoluto, conluando a receber-se inscrições, na Redacção da *Stadium* e na Avenida Oscar Monteiro Torres, 37, 1.º Esq.

quando ele dá a impressão de estar só, desinteressado... Uma jogada do grande avançado centro do Chelsea colocará sempre toda a defesa adversária em embaraços. Lembra-nos de afirmar que «se Lawton jogasse como joga» no Estádio Nacional, seria regalo aos portugueses presentes. Parece que aconteceu assim.

Mas, já se sabe, todos os componentes do grupo de Inglaterra são ases. O facto de existirem Lawton, Matthews, Finney, Swift, Scott e Franklin não quer dizer nada. Não há jogadores de menos recursos no conjunto inglês. Julgamos que isso foi apreciado no jogo do Estádio Nacional.

Não ficaram as exhibições de Hardwick, Manion e Mordinton nos olhos do público? Diga-se ainda que os ingleses, derrotados por margem mínima na Suíça, embarcaram para Portugal dispostos a «qualquer vingança». Vingança que precisava de um resultado que apagasse os efeitos do jogo anterior. Via-se isso até pela utilização de Finney a extremo esquerdo — para jogar Matthews à direita. Aproveitamento de todos os valores, afinal. A Inglaterra foi vista a sério, muito a sério, e se isso custou aos portugueses um mau resultado, uma derrota que a sua boa época não merecia, não é menos verdade que foi apreciado o valor do futebol inglês em toda a sua extensão.

Nada de desânimos, porém. O nosso país fez o suficiente para ser considerado. A própria crítica não escondeu a sua pouca felicidade na última jornada internacional. Este facto e o brio dos britânicos colocaram-nos em presença de um resultado que pode rectificar-se em qualquer altura. Tudo pode acontecer no futebol...

Não se pense exageradamente no afandamento da nossa classe. Os seleccionados britânicos, em dia de bom trabalho, dispostos a jogar para um resultado expressivo, são muito capazes de esmagar qualquer outro conjunto — mesmo categorizado e tido como bom.

Se um adversário dos ingleses encara o jogo como jogo — excelente. Se, como parece ter acontecido na Suíça, enveredar pelo mau caminho, pela dureza excessiva, deixam-se perder ou, pelo menos, procuram apenas ganhar sem perigo da sua integridade física. No Estádio Nacional houve nobreza, dignidade, como pela Inglaterra se diz, e os números sabiram.

Agardemos, entretanto, e serenamente, que tudo volte ao campo sereno das realidades. Todo o futebol pode sofrer destes dissabores, de mais a mais em dia de desgraça. Deve ter acontecido assim ao conjunto português.

Fernando Mendes

# Na 1.ª Jornada dos Juniores

registaram-se excelentes resultados

Quando os principiantes de 1947 provocaram, no seu campeonato, verdadeira hecatombe de recordes, houve técnicos que atribuíram tais resultados sobretudo à qualidade da pista, à temperatura «que nem de encomenda», ao vento favorável, a tudo, enfim, excepto ao valor dos atletas.

O «principal responsável», no dizer das suas crónicas, da existência do atletismo português tentou demonstrar nas colunas do jornal onde escreve que os estreantes desta época bateram recordes apenas porque, há quinze ou vinte anos atrás, uns tantos entusiastas estudaram e orientaram a prática da modalidade.

Afinal, no passado domingo, noutra pista que não é tida por famosa, sem temperatura encomendada e com vento desfavorável, os mesmos e outros rapazes novatos creditaram-se de excelentes façanhas e demonstraram possuir classe para não precisarem de favores materiais.

A primeira jornada dos juniores, organizada com perfeição no Estádio Nacional, trouxe o derrube de mais dois recordes, além de várias outras marcas que são das melhores, portuguesas. Ninguém se atreverá, julgamos, a negar a evidência do progresso e que ele se deve à cuidadosa assistência técnica dos actuais treinadores dos clubes, que soberanamente continuam com idêntico merecimento o esforço louvável dos precursors.

Do cabo da primeira fase do campeonato, o Sporting conquistou 3 títulos, o Benfica 2 e o Belenense 1, mas a equipa encarnada comanda na pontuação por 63 a 61 da sua rival leonina; isto graças à superioridade numérica e efectiva dos seus segundos planos.

Na prova de 1.000 metros, cuja concorrência obrigou à organização de eliminatórias, o sportinguista Eduardo Alves da Silva baixou o mínimo da categoria para 2 m. 42,8 s.; nenhum adversário pôde resistir à sua embalagem nos 250 metros finais e o favorito da prova, o belenense Branco, que o quis segurar, baixou os braços a sessenta metros da meta.

Val ser interessante ver Alves da Silva a par dos consagrados nos 1.500 metros oficiais.

O outro recorde superado foi o do salto em comprimento, no qual o belenense Aguiar da Câmara alcançou 6,735, distância que se inclui entre as dez melhores marcas portuguesas nesta prova. Também merecem citação os 6,34 metros do segundo classificado, Pires Monteiro, considerando sobretudo que a pista de corrida para a caixa estava em bastante más condições.

Embora superior em décimo

de segundo no recorde, podemos considerar em equivalência com os precedentes os 16,6 s. de Myre Dores nos 150 metros; correndo na pista exterior, com todos os adversários muito atrasados na recta final, o novo velocista afirmou impressionante facilidade, que leva a crer que o recorde está perfeitamente ao seu alcance. Teixeira Dinis, José Paulo e Fernando Casimiro, mais três principiantes seguiram-no, pela ordem, mas atrasados cerca de seis metros. A corrida de Myre Dores veio confirmar o nosso prognóstico sobre os seus recursos na distância dos 200 metros.

Nas barreiras, os juniores dominaram os principiantes, embora destes faltasse Gabriel Dores, de longe o melhor. Darão e Veloso, mais experientes nas barreiras altas, precederam Natálio, Azevedo e Mira.

Nos três concursos restantes, também os principiantes foram batidos. Bom resultado de José Paulo Cardoso, lançando o dardo a 46,46 metros, contra o vento, e de Castelo Lopes, que projectou o peso a 14,28 metros, apesar de concorrer de improviso, pois nos consta que nem uma vez compareceu a treinos. Nuno Barros foi batido por trinta centímetros e os principiantes Canha e Monteiro, respectivamente, 3.º e 5.º classificados, fizeram pior do que há oito dias.

O único saltador à vara com estilo agradável foi o vencedor, Vieira da Fonseca, que transpôs 3,20 metros e falhou depois as tentativas a 3,55 metros, contra o recorde. Prista Caetano tem jeito, mas esquece que hoje, no salto à vara, a velocidade de corrida prevalece sobre a habilidade nas manobras de transposição da barra.

Falta-nos falar da estafeta 5x300 metros, que o Sporting ganhou, mas onde sobre todas impressionou a prova do benfiquista Casimiro no percurso final, recuperando terreno a todos os competidores e mostrando que merece o favoritismo para a prova individual.

Salazar Correia

Ano V — II Série — N.º 237  
Lisboa, 18 de Junho de 1947

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

—  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Travessa Cidade João Gonçalves, 19.-3.º  
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA  
SILVAS, LIMITADA

**Stadium**

O andebol entrou em fase aguda. A Federação Portuguesa tomou decisões, chamou a si a organização do campeonato nacional. Veremos agora como ficará tudo isto.

Já era tempo, na verdade, de se resolver todo este caso.

Nova assembleia geral do F. C. do Porto, para discussão do relatório e contas e apreciação geral de vários assuntos de muito interesse para o velho agrupamento nortenho.

Como anteriormente, tudo tem decorrido com a máxima compostura e disciplina.

Há o sincero e firme desejo de elevar o clube, e antes assim.

Cabe ao Sporting Clube de Vasco da Gama (o do Porto, evidentemente), defender o seu prestígio no torneio ibérico de Lisboa. Terá por adversários o Benfica, o Barcelona e o Real Madrid, no Pavilhão dos Desportos.

Todos os desportistas portugueses aguardem que os vascos possam prestar prestígio ao basquetebol nortenho. Têm categoria para isso.

Fala-se em escolher o salão do Café Paladium para o banquete de confraternização entre os sócios e admiradores dos campeões do Norte.

Não seria possível — permitem a intromissão — tornar mais fácil aos modestos sócios a sua presença na festa de confraternização?

Para isso, claro está, seria preciso escolher local mais acessível.

Carvalho Esteves, que preside à Associação Portuguesa de Oquei em Campo, deslocou-se para Lisboa, a fim de tratar assuntos relacionados com o campeonato nacional da modalidade.

Este ano a cidade será representada pelo F. C. do Porto, campeão regional, e pelo Ramaldense, segundo classificado.

Sobre ciclismo? O Académico terá na sua equipa os marroquinos Driss e Djilali. Será bom reforço.

Porém, nada se fez de concreto. A pista do Lima pode movimentar-se futuramente, sem dúvida, é bom que se movimente, até, mas por agora nada de novo. Já se preparou um programa velocipédico — mas falhou.

Oxalá estas coisas voltem a ter o entusiasmo da época passada.

Perdeu o Boavista novo jogo, agora em Elvas. O que impressiona bastante, sem dúvida, — é o número. A equipa do Bessa, que há 8 dias derrotou copiosamente os estudantes de Coimbra, deu mais uma vez provas da sua irregularidade. Francamente: sabe com certeza fazer melhor.

## Um campeonato internacional

**A** propósito do oquei em campo... Ora a propósito do oquei em campo, um torneio que principiou há meses, e só agora foi dado por concluído, parece oportuno falar. Em nossa opinião, o sistema de campeonato não pode corresponder.

Em Lisboa, como se sabe, existem 3 ou 4 concorrentes ao torneio regional. Tudo se passa rapidamente. Os grupos prepararam-se como entendem, descansam o tempo necessário, e quando chega a altura de medir forças para o campeonato máximo, não se verifica o desgaste físico, o próprio aborrecimento pelo jogo — de que estariam fartos se o campeonato fosse longo. Como é preciso.

Ora, no Porto, não se deu isso. O campeonato arrastou-se por muitos meses, porque são muitos os concorrentes. Jogos sobre jogos — quase 30! Em Lisboa — 8 jornadas e fica o gosto pelo oquei. Na capital do Norte, quando a prova é dada por concluída, já os jogadores se sentem cansados, aborrecidos. Os exames, as férias, as praias — tudo! provocam o desgaste e o desejo puro e simples de não cuidar da preparação com a vontade dos primeiros jogos.

O que parece de aconselhar?

A formação de duas Divisões, pelo menos. Ou, então, aconselhar duas ou três séries, jogando os vencedores por fim — poupando tempo e evitando que os clubes andem um ano inteiro a pensar no oquei em patins.

Por este ano está o caso resolvido. Há já um campeão. Mas, segundo julgamos, o próprio vencedor está exausto. Aos outros acontece o mesmo.

Assim, aguardemos que na próxima época se modifiquem os regulamentos associativos. Não seria melhor?

## A VISITA DO VASCO DA GAMA

**H**á pelo Porto entusiasmo pela visita do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Será adversário do F. C. do Porto, que já teve a honra de o vencer, já lá vão bons anos. Hoje, tudo mudou, é certo, visto que os campeões nortenhos perderam muito da sua antiga classe.

No entanto, a próxima visita do grande clube brasileiro põe extraordinária animação nos melos desportivos locais. Estamos tão distantes dos grandes jogos, que o próximo desejo com o C. R. Vasco da Gama não podia deixar de ser recebido de braços abertos.

São um pouco altos os preços dos bilhetes, mas os amadores do futebol sacrificam-se sempre pelos bons desejos. Acontecerá assim mais uma vez, com certeza. A visita dos brasileiros fica também bastante cara, mas a boa vontade do F. C. do Porto, de sua direcção e dos seus associados conseguirá naturalmente suportar todos os encargos.

O jogo será belo, será pelo menos espectacular, dada a categoria dos visitantes.

Como se comportará o grupo do F. C. do Porto? Os rapazes azuis-brancos são pelo menos bristos, enérgicos quando é preciso, procurarão dar luta de melhor.

Alguns elementos novos, segundo consta por cá, serão apresentados neste dia contra os rapazes do Rio de Janeiro. Mais um atractivo para o desafio do dia 24, naturalmente. O Porto e o F. C. do Porto bem precisavam disso.

A primeira vitória do conjunto vascoino, contra uma «equipe selecção» nacional, deu já aos portugueses a ideia de um desafio capaz de agradar por completo.

Embora não se possa esperar um resultado favorável ao campeão do Norte, deve aguardar-se pelo menos uma exibição que corresponda excelentemente aos sacrifícios do público e do clube azul-branco.

## MOSAICOS nortenhos...

**B**oavide, o avançado centro do F. C. do Porto, gosta de experimentar o seu remate, as suas possibilidades. Remata sempre que pode, e às vezes muito bem. Ainda no último domingo, contra o Vitória de Selúbal, fez chegar a bola às malhas 5 vezes — o que é alguma coisa...

**P**incipiou, finalmente, o campeonato nacional de andebol. Realizou-se o jogo Vilenovense-Vigorosa, em Soares dos Reis. Os galegos ganharam por 6-3, e o resultado surpreende um tanto. Os rapazes das Cavadas, campeões regionais, parecem fora de forma, e o Vilenovense possui um conjunto promissor. Dos 3 concorrentes, é fora de dúvida, o mais fraco é o F. C. Porto — longe dos seus tempos áureos.

Inclinamo-nos para uma final Vilenovense-Sporting.

**A**ssistir-se-á, no Porto, a uma final de andebol, entre os juniores do Selgueiros e do Oriental, possivelmente no dia 29. Os lisboetas, segundo se diz, possuem um admirável conjunto. O do Selgueiros não é mau — mas inferior ao Académico do ano findo.

No ano findo ganharam os portugueses — em Lisboa. Veremos o que acontece este ano.

**A** primeira jornada do campeonato nacional de principiantes, atletismo, efectuou-se no último domingo, com a concorrência de representantes do Académico de Braga e do Porto, F. C. do Porto e Vilenovense. Foi batido um recorde nacional — o do dardo. Enfim — já se fez alguma coisa. Principiou o atletismo oficial e isso não é nada mau...

**E**sgrimistas portugueses mostram o seu descontentamento por não se ter feito a escolha de um ou outro com possibilidades de representar Portugal nos recentes campeonatos do Mundo.

Há, até, o pedido de demissão do representante da F. P. E. nesta cidade. Talvez este facto leve a certa diligência por parte do organismo orientador da esgrima nacional — diligência que pode contribuir para a paz dos espíritos.

Oxalá seja assim.

# ATLETISMO

O. F. C. Porto

**Ganhou o campeonato regional de principiantes**

Na pista de Lima disputaram-se os Campeonatos de Principiantes, que foram disputados por elevado número de atletas, representando todos os clubes filiados na Associação de Atletismo do Porto. Os vencedores:

60 metros — Alfredo Serrano (F. C. P.), 7,1 s.  
250 metros — Jorge Chaminé (V. F. C.), 31,4 s.  
700 metros — Aparício Pereira (A. Braga), 57,5 s.  
2.000 metros — António Lopes (A. F. C.), 6 m. 25 s.  
85 m. barreiras — Manuel Pereira (A. Braga), 12 s.  
Altura — António Belesa (F. C. P.), 1<sup>m</sup>.60.  
Comprimento — Alfredo Serrano (F. C. P.), 5<sup>m</sup>.82.  
Dardo — António Rodrigues (V. F. C.), 40<sup>m</sup>.05.  
Peso — Jorge Carvalho (A. Braga), 11<sup>m</sup>.315.  
Disco — António Pinto (F. C. P.), 36<sup>m</sup>.66.  
5x60 metros — F. C. Porto, 35,7 s.  
2x250 metros — Académico, 1 m. 40,7 s.  
3x700 metros — F. C. P., 6 m. 44 s.

A classificação foi a seguinte: 1.º, F. C. do Porto, 92 pontos e 7 títulos; 2.º, Académico, 63-2; 3.º, Académico de Braga, 54-3; 4.º, Vilanovense 18-2; 5.º, Barcelinhos, 8; 6.º, Operário, 4; e 7.º, Sport Clube do Porto, 3.



Alfredo devolve uma bola, tirando-a dos pés de Passos



A bola é de Barrigana. O adversário não conseguiu tirar-lha. Carvalho segue os movimentos do colega e do adversário



No jogo Sanjoanense-Famalicão lutou-se com energia. Esta fase, em cima, revela-o



O Boavista sofreu dura punição em Elvas. Os campeões de Portalegre estão ao ataque, nestas duas fases, vendo-se a defesa do Boavista em acção



Uma passagem das barreiras. O corredor de Braga segue já em 1.º lugar



A Federação de Patinagem recebeu a Imprensa, a quem agradeceu a sua colaboração por ocasião dos recentes campeonatos mundiais de oquei em patins

**OS JOGOS  
do Porto  
Famalicão  
e Elvas**